



# ESTRATÉGIA OPERACIONAL

Obino Álvares

*Após distinguir a arte tática da arte operacional nas principais guerras do século XX e avaliar os fatores que deverão influir na tomada de decisão nas batalhas típicas de guerra convencional em nossos tempos, o artigo conclui pela necessidade de organização de um instituto de ensino sobre o assunto, junto à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.*

*Sem que tenha sido seu intuito, ele apresenta argumentos que abonam a criação recente (funcionamento a partir de 1988) do Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx), matéria da presente edição.*

**E**m edição recente, *A Defesa Nacional* publicou um ensaio sob o título "O Nível Operacional da Guerra: As concepções Alemã e Norte-Americana." Atraído pelo título fiz uma primeira leitura, procurando avaliar seu mérito; a seguir, realizei leituras adicionais visando a melhor interpretar as idéias que o autor defende, em assunto de tanta relevância.

Inicialmente, duas questões mereceram análise: que entender por nível operacional da guerra? Que significado atribuir à arte operacional?

A Revista registra, em sua apresentação, que o nível operacional, "que preenche o espaço entre a tática do campo de batalha e a estratégia militar",

ganhou renascimento no Exército dos Estados Unidos. Por sua vez, o autor do ensaio, Major George A. Higgins, do Exército desse país, esboça sua primeira idéia sobre arte operacional, definindo-a como "o elo de ligação entre a tática e a estratégia."

Sem aprofundar essas idéias de nível operacional e de arte operacional, parece razoável admitir, como hipótese inicial de trabalho, que *preencher espaços e servir de elo* constroem sentenças que sugerem uma identidade de conceitos.

Tomando a guerra entre dois Estados como luta cruenta e identificar seu nível operacional corresponde a definir o espaço físico de atuação, definir o ambiente onde se realiza a con-

frontação das forças que se opõem. Esse espaço é chamado, tradicionalmente, de Teatro de Operações, abreviadamente TO. De certo modo, a definição de arte operacional, formulada acima, confirma esse entendimento pois que a estratégia e tática constituem, respectivamente, a idéia que inspira e orienta a ação e o processo de luta nos combates.

Em prosseguimento, o Major Higgins, melhor caracterizando a arte estratégica, constata que a arte tática exige uma liderança que motive os homens e (que) "decida deslocar os pequenos escalões até posições de onde possa concentrar o maior poder de fogo sobre o inimigo". A arte operacional, por sua vez, exige um estudo de situação tática e... mais, "uma liderança que consiga ver, entender, a estratégia do teatro de operações", planejar e executar planos de campanha, para atingir os objetivos da estratégia do TO.

Segundo esses conceitos, que se relacionam com as missões dos diversos escalões de emprego da Força Terrestre, a arte tática constitui atribuição da Divisão e de seus escalões menores. Já a arte operacional constitui tarefa de exércitos e grupos de exércitos, pois que é nesses níveis que se realizam os estudos de situação abrangentes, que seus comandos os obrigam a ver além do nível tático, podem entender a estraté-

gia do TO e planejam e executam os planos de campanha.

Os estudos de situação realizados nos teatros de operações nada mais são do que análises sistemáticas e abrangentes dos ambientes - tarefa dos diversos comandos desse nível e dos fatores que entram em jogo na disputa. A cada um dos objetivos impostos pelo comandante do TO corresponde a uma ou mais ações estratégicas e o feixe dessas ações, em cada conjuntura específica, constitui a estratégia do TO.

É oportuno recordar, à guisa de esclarecimento complementar, como tem evoluído o conceito de estratégia no sentido castrense. Vejamos como os principais autores dos séculos XVIII e XIX a definiram:

**GUIBERT** - a tática representa toda a ciência militar; ela é constituída de duas partes: uma delas, a criação e o adestramento dos exércitos, e a outra, a arte do general, isto é, o que antes se chamava tática e que hoje chamamos de estratégia.

**VON BULLOW** - a estratégia é a ciência dos movimentos fora das vistas do inimigo.

**MOLTKE** - a estratégia fixa a maneira geral de atingir os fins da guerra, formula os planos de campanha e determina a marcha das operações; estabelece os princípios que devem regular a direção e a distribuição das

forças no teatro de operações.

**CLAUSEWITZ** – a tática é a teoria do emprego das forças militares no combate e a estratégia é a teoria da realização dos combates para atingir os fins da guerra.

Que designação dar à estratégia aplicada nos TO? Parece lógico designá-la como estratégia militar. Contudo, a estratégia militar é de maior alcance, pois inclui uma visão perspectiva da guerra futura; a antevisão das armas e demais equipamentos bélicos disponíveis nesse futuro incerto; o preparo da força desde o tempo de paz, com o adestramento dos recursos humanos que seguramente serão acrescidos na emergência da guerra; com o treinamento dos quadros, notadamente o dos comandantes superiores do TO.

Vejamos como a estratégia foi aplicada nas principais lutas de nosso século. A Primeira Guerra Mundial, nesse assunto, constituiu um caso particular em que houve modesta aplicação da arte dos grandes capitães. A luta se caracterizou por batalhas táticas de grandes efetivos postos face a face, numa linha contínua de fogos protegida por trincheiras e cercas de arame farpado, impedindo, praticamente, a abertura de brechas. É lícito afirmar que em tais condições houve poucas oportunidades para as ações estratégicas que implicam em manobras amplas e grande mobilidade.

A partir do fim desse conflito, os especialistas europeus passaram a analisar a guerra sob uma nova óptica. Ela não é, apenas, o resultado do emprego das forças militares. Durante seu desenvolvimento foram sendo identificadas outras ações com as características das ações estratégicas, que em conjunto com a estratégia militar, constituiriam uma estratégia de nível mais alto – estratégia geral, nacional ou total – segundo a designação que lhe deram diferentes autores. A direção e a conduta da guerra passaram para a órbita do Estado, um assunto de tal magnitude que não mais poderia ficar restrito à arte militar.

Entre as duas guerras mundiais ocorreram várias mudanças na concepção e execução da guerra, devidas, sobretudo, ao progresso tecnológico. A mais significativa dessas mudanças redundou no emprego das viaturas automotoras, como os carros de combate, que ensejaram a criação de um novo conceito operacional: o emprego de grandes formações blindadas, como as divisões, corpos-de-exército e exércitos blindados.

Graças ao aumento prodigioso da velocidade dado às operações, realizaram-se memoráveis campanhas, a partir de 1939, com tal êxito, que, em prazos curtos de 30 a 60 dias, produziram a queda da Polônia e a derrota da França, bem como a captura de 185.000 prisioneiros.

neiros no bolsão de Smolensko, a 660 km no interior do território soviético. Do mesmo modo, com conceitos e recursos idênticos, se cumpriram as campanhas norte-africanas, a invasão do continente europeu no Canal da Mancha e a luta dos anos 43 e 44 na URSS. A estratégia voltou a ser utilizada intensamente.

As operações militares nos diversos teatros revelaram numerosas manobras de blindados, de cerco, envolvimento e destruição, com brilhante senso estratégico, exatamente o oposto do que havia ocorrido no conflito 1914-1918.

A Segunda Guerra Mundial terminou com um evento aterrador, síntese máxima do progresso tecno-científico: a explosão da bomba atômica, que passou a dividir a história da guerra em duas eras: a anterior e a posterior a Los Alamos.

Alcançada a paz, os vencedores passaram a cuidar da reconstrução dos países envolvidos no conflito, onde havia pesadas destruições; suas forças foram desmobilizadas; ajustou-se o *statu quo* para a administração do território alemão ocupado; criou-se a Organização das Nações Unidas, instituição internacional que, à semelhança da Liga das Nações, tornada letra morta, que se destinava a promover o entendimento entre as nações e a proscrever a guerra para sempre. Ledo engano a paz perpétua tão sonhada. Os desentendimentos entre os aliados da véspera se tornaram ex-

tremamente agudos, devido a questões ligadas à ocupação da Alemanha, seguidos de uma forte corrida armamentista que já conta mais de 30 anos. O mundo se tornou bipolar, com a estruturação de dois blocos político-militares em permanente confrontação: a Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Pacto de Varsóvia.

De 1950 até nossos dias, a presença dos acidentes foi constante. Quase todas as nações filiadas à ONU foram envolvidas por muitos tipos de conflito: guerras limitadas, guerras revolucionárias, guerras de descolonização, guerrilhas, terrorismo e agressões psicológicas de vários tipos.

Reconhecemos que os conflitos da era nuclear têm sido ricos em episódios estratégicos, quase todos ocorridos fora da área militar. Poucas foram as ocasiões em que, nos conflitos mencionados, se praticaram ações estratégicas nos teatros de operações militares. Temos, apenas, notícia de manobras dessa natureza, realizadas na China, na Coréia, e no sudeste asiático.

Em virtude dos riscos impenáveis de uma guerra termo-nuclear, vários organismos nacionais e internacionais – fundações, universidades e outros centros de pesquisa – bem como personagens de renome mundial, têm-se dedicado ao estudo das relações internacionais, onde se apreciam, entre

outros temas, as modalidades das guerras possíveis.

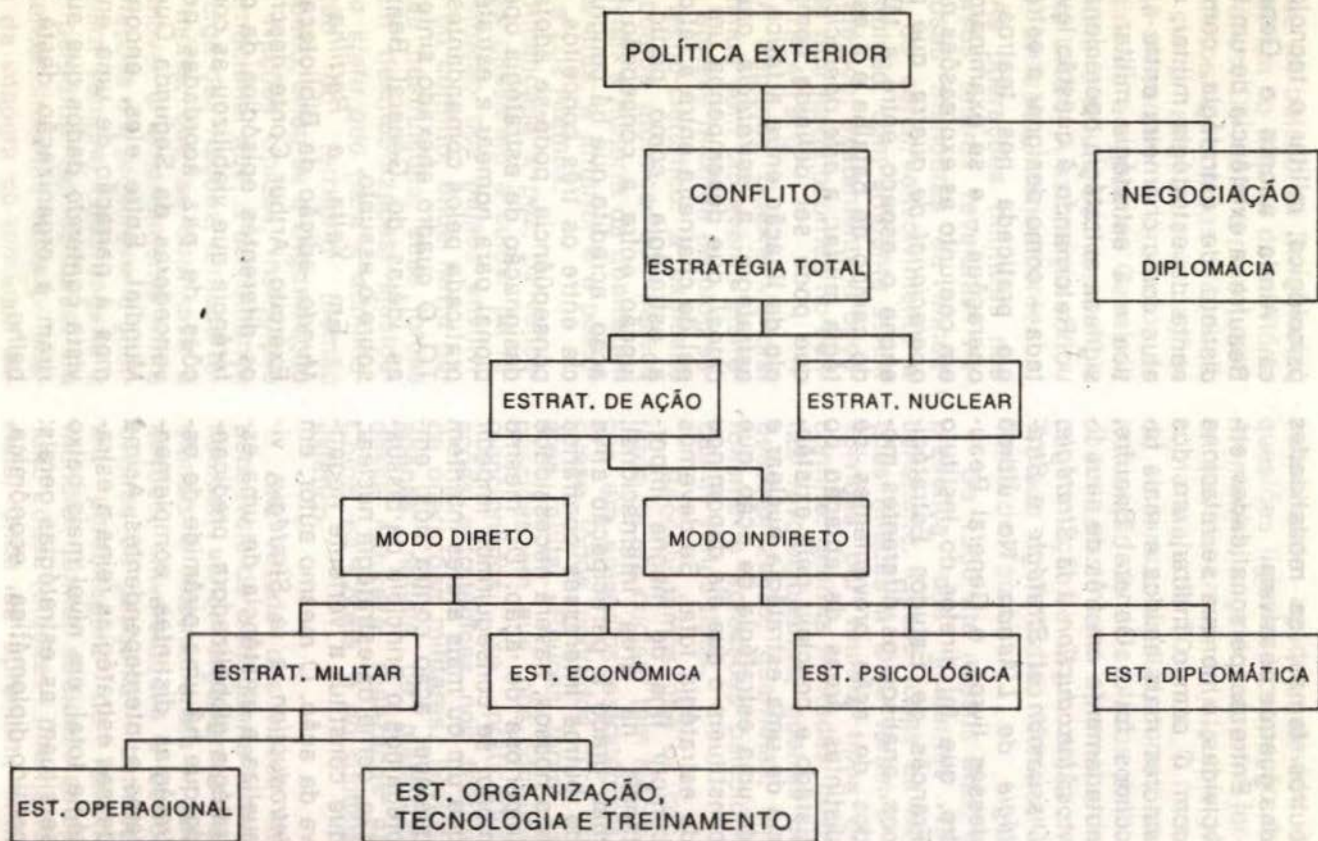
Entre as personalidades envolvidas, e no que se relaciona com o campo militar, um dos autores mais lúcidos e mais fecundos foi o General Beaufre, notadamente em três de seus livros: *Introduction à la Stratégie*, *Dissuasion et Stratégie* e *Stratégie de L'Action*. No último desses livros, o General Beaufre, que foi diretor do Instituto Francês de Estudos Estratégicos, analisou os diferentes modos de ação provenientes de distintas áreas de atuação do Estado e concluiu pela existência de uma estratégia nuclear e de uma estratégia de ação, que constituem o que ele denominou de estratégia total. Se devemos cumprir fins de magna importância na área internacional, mau grado a participação ativa de outros interesses contrários aos nossos, haverá necessidade imperiosa de ação. Do mesmo modo, se conseguirmos impedir que um ou mais atores intentem qualquer ação contra nós, empregamos o princípio da dissuasão, cerne da estratégia nuclear, que constitui a vertente negativa da ação. O mesmo autor, em *Introduction a la Stratégie*, visualiza a existência de uma estratégia globalizadora, predicando que há uma pirâmide de estratégias distintas, complementares e interdependentes. Acima dessas estratégias reina a estratégia total; em nível mais baixo se situam as estratégias gerais: político-diplomática, econômica,

psicológica, militar e tecnológica. Ainda aponta o General Beaufre, a existência de um tipo distinto de estratégia, componente da estratégia militar, que atua como charneira entre a tática e a estratégia militar, designada estratégia operacional.

Retornando à questão levantada – como designar a estratégia praticada nos teatros de operações – e se examinarmos em conjunto as expressões *nível operacional de guerra*, que preenche o espaço entre a tática do campo de batalha e a estratégia militar; a *arte operacional*, que pode ser definida como o elo de ligação entre a tática e a estratégia; a *estratégia operacional*, que desempenha um papel de charneira entre a tática e a estratégia, como ponto de junção entre a concepção e a ação, acredito que há congruência entre os três conceitos. Em consequência, pode-se adotar a designação de estratégia operacional para nomear a estratégia praticada pelos comandantes do TO. O quadro anexado sintetiza as idéias do General Beaufre sobre o assunto.

Em *Yalta, a Partilha do Mundo*, edição da Biblioteca do Exército, Arthur Conte descreve os diferentes episódios da conferência que viabilizou as condições de paz acordadas pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial. Entre eles, encontramos a narração de uma entrevista contendo dados que sugeriram a organização deste trabalho.

## VINCULAÇÃO DA ESTRATÉGIA À POLÍTICA



No primeiro encontro entre o Presidente Roosevelt e o Marechal Stalin, eles se informaram reciprocamente sobre o esforço a que seus povos estavam submetidos, declarando os efetivos desdobrados. O presidente norte-americano declarou que o General Eisenhower, comandante de teatro europeu no Ocidente, enfrentava os alemães com 85 divisões; um quarto delas, divisões blindadas. Por sua vez, o Marechal Stalin informava que nas diversas "frentes" soviéticas, numa extensão de mais de 1.000 km, ele enfrentava o adversário com 150 divisões. Não há cabimento em discutir esses números, que devem corresponder à realidade. O importante para nós é visualizar esses números, a grandeza e a complexidade dos teatros de operações; é saber como se articularam as diferentes peças da batalha, em largura e profundidade; é conhecer a ordem de grandeza das principais forças mantidas em reserva; é analisar as ações estratégicas cumpridas por exércitos e grupos de exércitos; é a existência de uma doutrina que presidiria a estratégia operacional, aperfeiçoada e ampliada no calor das batalhas. Em síntese, importa conhecer as manobras desenvolvidas em cada episódio concreto; como se aproveitou o sucesso na ofensiva; como se valeu a defesa, da contra-ofensiva, e quais as manobras que produziram resultados decisivos.

Pouco sabemos dos princí-

pios e processos da estratégia operacional soviética, que levou suas tropas ao coração da Alemanha. Do lado norte-americano dispomos da análise sucinta do Major Higgins, o autor mencionado no início, que aponta motivos históricos, geográficos e culturais que explicam por que o Exército dos Estados Unidos não sentiu necessidade de consolidar uma estratégia operacional completa. Justamente o contrário do que ocorreu com os alemães, cujo território, durante mais de dois séculos, fora parte do espaço privilegiado das lutas européias, o que os levou a implementar uma estratégia operacional em constante evolução.

Segundo o Major Higgins, o Exército norte-americano, grandemente ampliado a partir do início dos anos 40, mesmo contando com grandes unidades blindadas, deu maior ênfase ao poder de fogo, em detrimento da manobra, mantendo-se fiel à experiência de 1914-1918. Por esse motivo, não dispuseram de uma doutrina operacional confiável. Assegura aquele autor: "três exceções a esse estilo genérico vêm agora à lembrança — as operações Cobra e Market Garden e a contra-ofensiva das Ardenas, do General George S. Patton."

As atuais preocupações do Exército dos Estados Unidos, para assegurar-se o domínio de uma estratégia operacional eficaz, são plenamente justificáveis, no momento em que passamos a dar pouca credibilidade

à hipótese da guerra nuclear. A estratégia da dissuasão tem funcionado; a paz entre os Grandes vem sendo mantida e a hipótese da guerra convencional vem sendo cultivada como sendo a possível alternativa no futuro.

É importante destacar nossa própria posição. Dispomos de um ensino de comando e de estado-maior de alto nível para o escalão divisivo, tático por excelência. Ao longo de nosso curso superior, recebemos noções gerais sobre as tarefas de um exército de campanha, como quadro para o estudo da Zona de Administração, a que todos os tipos de unidades terrestres estão vinculadas. Recebemos também idéias sucintas sobre a organização do TO. Entretanto, não chegamos a ver e a entender as ações dos grandes agrupamentos de combate e o funcionamento dos principais comandos existentes no teatro de operações. Ainda não visualizamos o ambiente de aplicação da estratégia operacional.

Na batalha típica da guerra convencional poderemos vir a operar em frentes extensas, de 500 ou mais quilômetros, em áreas profundas. Nesses ambientes tão mais complicados, os fatores que influem nas tomadas de decisões são difíceis de definir:

- as informações são numerosas, imprecisas e de oportunidades incertas;

- as possibilidades do adversário cobrem uma ampla gama de ações e são de sintetização complicada;
- os dispositivos terão de ser mais profundos;
- as reservas serão numerosas, dispostas em largura e profundidade;
- a conduta da batalha tenderá para exigir mais tempo (semanas ou meses);
- os suprimentos necessários podem alcançar centenas ou milhares de toneladas por dia;
- o sistema de transporte exigirá certo controle.

O quadro se tornará crescentemente mais agudo quando a estratégia operacional impuser a roçada de grandes unidades reservadas, de um para outro extremo da linha de combate, numa diagonal que implique no cruzamento, de parte ao menos, dos eixos de suprimentos.

Até agora estivemos tratando de estratégia operacional. É bem de ver, contudo, que os diversos modos e tipos de estratégia estarão sendo aplicados simultaneamente. Se outras estratégias são concomitantes e combinadas com a estratégia operacional, nem por isso o estudo dessa última implica, obriga ou exige o estudo conjunto de todas elas, pois as estratégias não-militares são elaboradas e aplicadas por autoridades



e instituições que independem da autoridade militar.

Quaisquer que sejam as conjunturas sucessivas que nosso País venha a enfrentar nos próximos 25 anos, não de encontrar-nos economicamente mais fortes e social e politicamente mais integrados. Vivemos nesse futuro, numa sociedade pós-industrial que poderá ser pacífica ou, ao contrário, perturbada, como está sendo a do último quartel do século XX.

Abstraida a hipótese de um conflito nuclear, conforme as perspectivas atuais nos fazem crer, é razoável encarar para o Brasil, a hipótese de ver-se envolvido em guerras continentais ou mesmo extracontinentais de nível convencional. Uma dose modesta de prudência aconselha, pois, que comecemos a conceber a política internacional como um jogo que seguramente terá profundas consequências para as gerações futuras.

Conceber cenários e imaginar situações de conflito; elaborar fórmulas e conceitos para uma renovada doutrina militar e uma estratégia ajustada às várias conjunturas; antever as características das guerras convencionais no início dos anos 2000; imaginar a natureza das forças necessárias nas diversas circunstâncias, eis os desafios que nos são impostos, para a salvaguarda de nossos interesses e, principalmente, salvaguarda de nossa soberania.

Por ser a estratégia uma disciplina mais estável (um dos

tantos aspectos que essa arte configura) é aconselhável atualizar nossas idéias a respeito, notadamente sobre a estratégia operacional como foi praticada no teatro de operações do leste europeu, nos anos 43 e 44, tomadas como matriz de uma evolução possível, considerados os progressos a esperar da tecnologia do armamento e demais equipamentos das Forças Armadas.

Dentro dessa moldura, recomenda-se realizar uma metódica pesquisa sobre estratégia militar e com esse objetivo parece mais adequada a constituição de um grupo de estudos e pesquisas sobre a estratégia operacional, viga-mestra da arte militar.

É claro que não se trata de compilar métodos e processos oriundos de fontes externas, ainda que esses conhecimentos possam ajudar-nos na busca de uma solução própria. Do mesmo modo, deveremos convocar a experiência de especialistas; mesmo que tenhamos de convidar conferencistas estrangeiros.

Contudo, só poderemos encontrar inspiração com estudos e pesquisas próprios, principalmente estudos de história militar, à luz das principais batalhas germano-soviéticas nos dois últimos anos da Segunda Guerra Mundial.

Se não sugerimos a organização de um instituto de ensino próprio, como criar um Grupo de Estudos e Pesquisas Estratégicas (GEPE) e como regular seu

funcionamento? Imagino que o procedimento inicial mais indicado seria organizar esse Grupo de Estudos junto à Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), pela experiência já acumulada no trato das operações combinadas, características dos TO terrestres.

É claro que a adjudicação desse Grupo à ECEME acarretará mais preocupações e despesas, além de uma pequena alteração no número de oficiais instrutores. Uma distribuição de recursos financeiros específicos para a ECEME e a superintendência de seu funcionamento por parte do comandante da Escola constituem a solução mais simples e flexível.

Um trabalho bem orientado poderá dar-nos, em poucos anos, não somente uma doutrina para a estratégia operacional, mas também a formação de especialistas para as escolas de estado-maior das três forças — Marinha, Exército e Aeronáutica — em assuntos referentes às ações combinadas, características dos teatros de operações.

O sucesso do Grupo de Estudos e Pesquisas Estratégicas dependerá decisivamente da qualificação de seus integrantes. Por esse motivo, sugiro que na elaboração de um critério para a escolha de seus membros, se leve em conta as seguintes exigências: (1) tenham demonstrado aptidão para estudos militares avançados; (2) tenham desempenhado funções de instrutor na ECEME; (3) tenham sido

considerados, ao longo da carreira, com dotes destacados de inteligência.

Nestas páginas, percorremos um longo caminho histórico, tratando de investigar o significado do vocábulo Estratégia. Que conclusões devemos adotar?

Até o fim da Primeira Guerra Mundial, se adotou, praticamente, a definição do General Moltke: "a estratégia fixa a maneira geral de atingir os fins da guerra; formula os planos de campanha e determina a marcha das operações; estabelece os princípios que devem regular a direção e a distribuição das forças no teatro de operações."

Considerada até então como a arte dos generais, a estratégia era o instrumento utilizado para a aplicação da força na solução dos conflitos entre os Estados.

No caso das mudanças ocorridas a partir de 1920, passamos a somar, às ações militares, um conjunto de ações de outro tipo: político-diplomáticas, econômicas, psicológicas e técnicas, constituindo uma nova compreensão da estratégia: a arte de aplicar o poder do Estado para a conquista de seus objetivos no contexto internacional. Ela se transferiu, assim, para a órbita de chefe do Estado, que passou a ser o Senhor da guerra.

Há várias abordagens na compreensão da estratégia. Ela é ao mesmo tempo:

- um método de análise de situação e de tomada de decisões;

- um dote pessoal, como o é a música, a pintura e a escultura; um conjunto de dons especiais com que nascem certas criaturas, exercidos segundo princípios e técnicas particulares a cada uma delas;
- uma disciplina que, praticamente, se destina ao ensino de regras, técnicas e princípios de concepção e ação.

A estratégia é reconhecível pela obra de arte criada: a manobra estratégica que se realiza em potência, velocidade e surpresa. Do mesmo modo que o quadro pictórico é a obra do pintor, a partitura a do músico e a estátua em mármore, a do escultor.

A guerra moderna se cumpre com a realização de ações pro-

venientes de todos os campos do poder. As ações militares se mostram em toda sua grandeza, nos teatros de operações. Em função disso, a estratégia praticada nos TO é designada como estratégia operacional. É um retorno, de alcance mais restrito, à arte do general-em-chefe.

A ampliação da área estratégica, para abarcar o nível da estratégia nacional ou total, deixou-nos enamorados da grande arte de nível governamental, em prejuízo do conhecimento aprofundado das diversas estratégias componentes. Não estaremos divorciados da realidade se afirmarmos que esse prejuízo é genérico e que, no passado, desviamos nossa atenção para conhecer e aplicar uma arte, a estratégia total, que permanece ainda envolta em brumas.